

A INDISCIPLINA: UM DESAFIO PARA A EQUIPE GESTORA

Djeane Karla da Silva¹
Maria Inácia Lopes²

Resumo

A indisciplina apresenta expressões diferentes; hoje ela se diferencia daquela observada em décadas anteriores; isso se reflete na escola que está tendo que lidar com o aluno que não se contenta mais com relações autoritárias devido à socialização e relacionamentos que exerce na escola e no seu entorno, na família, com os profissionais da educação. As pessoas que rodeiam o aluno, mais propriamente as pessoas da família, influem muito no seu comportamento sendo os pais os primeiros educadores. As influências dos que convivem quotidianamente com os alunos refletem-se em muitos dos atos praticados por eles. A ação da família começa desde o berço, muito antes da ação da escola. A família e a escola têm um papel importante na tarefa educativa, por isso é necessária uma íntima colaboração, que deverá significar a ajuda mútua de ambas na execução do ideal educativo. O fato de os alunos receberem educação desde o berço deveria conseqüentemente levá-los a optar livremente pela disciplina, mas hoje vive-se numa sociedade em que a unidade familiar se encontra desgastada, sem que o lar possa oferecer aconchego, uma vez que os pais, graças às deslocamentos para o emprego e às longas jornadas de trabalho que asseguram a subsistência, deixam de estar presentes na vida dos filhos. Essa mudança nos modos de vida leva as crianças a se tornarem mais independentes, menos dispostas a obedecer à autoridade dos adultos. Os processos de socialização dos alunos com grupos do entorno escolar, da turma dentro da escola também podem influenciar no seu mau comportamento devido a processos de imitação de pessoas, de jovens que servem como modelos. Assim acontece com a postura dos profissionais da educação (professores, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, equipe gestora etc.) que são uma referência, um modelo, um guia para os alunos.

Palavras-chaves: Indisciplina, Problemas Socioeconômicos, Evasão Escolar.

INTRODUÇÃO

O conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. Um entendimento suficientemente amplo do conceito de indisciplina escolar precisa integrar diversos aspectos. É preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. Ainda, é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico deste século.

¹ Aluna concluinte do curso de pós-graduação *lato sensu* em Gestão Educacional da Faculdade Católica de Anápolis

² Mestre em Ciências da Educação Superior, Vice-Diretora Acadêmica da Faculdade Católica de Anápolis

A pedagogia baseia-se em certos pressupostos e utiliza certas práticas razoavelmente pertinentes ao aprendiz em foco, que é a criança e o adolescente. As crianças e os jovens precisam atingir certo nível de amadurecimento físico e psíquico para aprenderem determinados comportamentos e conhecimentos, e a disciplina é fundamental para o aprendizado. Mas o período que as crianças passam na escola deveria ser de tranquilidade para os pais. Os filhos, afinal, estão sob a supervisão de outros adultos, em um ambiente voltado para a atividade intelectual. Esse é o cenário esperado - mas ele está longe de espelhar a realidade em muitas escolas públicas brasileiras, sobretudo as das grandes cidades. O fato de a escola nem sempre ser um lugar pacífico não chega a ser novidade. O medo da violência é tamanho que nenhum outro tema relativo à rotina escolar ganha tanto espaço em casa quanto brigas ou o uso de drogas no recreio. Esse assunto aparece à frente daquilo que deveria estar no centro das conversas familiares: a sala de aula.

Os esforços para entender e identificar as razões que mostram a indisciplina nas escolas mostram uma análise da sociedade onde a escola está inserida; entender os conflitos é o maior desafio que os gestores hoje enfrentam. Conhecedores da sociedade que é marcada pela desigualdade e exacerbamento do consumo, onde a prioridade é o ter, onde se vive cotidianamente em um coletivo social marcado pela insegurança, pela violência, nada mais conseqüente entender o porquê desta onda expansionista da indisciplina que é originada pela violência e acaba alcançando os domínios privativos da escola.

É preciso compreender que houve profundas mudanças na escola, na sociedade e nas suas relações. Parece difícil aos educadores darem conta disto. O saudosismo ou o espírito de acusação estão muito fortes no cotidiano da escola. Agredidos, os alunos procuram inconscientemente algum alvo onde possam descarregar suas mágoas, suas incompreensões. Sempre que se pensa em disciplina, logo vêm à mente as idéias de limites (restrição, frustração, interdição, proibição etc.) e de objetivos (finalidades, sentido para o limite colocado). Percebe-se, então, que a questão da indisciplina escolar hoje está associada justamente à crise de objetivos e de limites que se está vivenciando. A famosa resposta dada por séculos, estudar para ser alguém na vida, chega a provocar risos nos alunos ante a clara constatação de inúmeras pessoas formadas, porém desempregadas ou muito mal-remuneradas. Despertar esse prazer no aluno de ler, de descobrir e de crescer humano e intelectualmente deve ser o objetivo central de toda instituição de ensino e dos professores. Sabedores de que não existe fórmula mágica para uma solução imediata, este trabalho buscou entender e obter soluções através de teorias e práticas vividas pelos gestores.

DESENVOLVIMENTO

É impossível falar de indisciplina sem pensar em autoridade. E é impossível falar de autoridade sem fazer uma ressalva: ela não é algo mágico, mas uma construção. Ou seja, ter autoridade é muito diferente de ser autoritário. Um dos obstáculos mais frequentes na hora de usar o mau comportamento a favor da aprendizagem é uma atitude comum a muitos professores: encarar a indisciplina como agressão pessoal. Os educadores não podem se colocar na mesma posição do jovem porque, quando a desordem se instala, é fundamental agir com firmeza. E como fazer isso? Não há fórmulas prontas, mas um bom caminho é discutir o caso com os envolvidos e aplicar sanções relacionadas ao ato em questão.

O professor precisa desempenhar seu papel, o que inclui disposição para dialogar sobre objetivos e limitações e para mostrar ao aluno o que a escola (e a sociedade) espera dele. Só quem tem certeza da importância do que está ensinando e domina várias metodologias consegue desatar esses nós.

Assim, pode-se entender que no espaço da escola onde existem os conflitos de interesses é fácil entender que a indisciplina é aceitável, contudo, é necessário existir tolerância entre as mais variadas formas de indisciplina. Evidentemente faz-se necessário que exista uma reação organizada por parte dos gestores, de seus auxiliares e das famílias e responsáveis, onde o foco é objetivar e superar através desta parceria os problemas da indisciplina, acreditando ser um problema solucionável. O que hoje a escola vive .

. A cidade de Anápolis está crescendo desordenadamente e começa a aparecer todo tipo de violência, e a indisciplina nasce dela. A única forma de sobreviver é assumir esta cultura de indisciplina e violência e buscar, juntamente com a sociedade, uma solução. O combate à indisciplina é uma bandeira que sempre foi cara aos gestores. As ideologias de esquerda tendem a ser mais tolerantes com a questão da indisciplina dos alunos. O problema é encarado como um mero reflexo de questões de natureza social, os alunos acabam por ser vistos como vítimas e não como responsáveis. O resultado é a adoção de práticas desculpabilizadoras, permissivas. Trata-se de uma caricatura, mas como tal é largamente difundida.

O conceito de indisciplina é variável, e está sujeito a várias interpretações. Um aluno ou professor indisciplinado é em princípio alguém que possui um comportamento diferente em relação a uma norma explícita ou implícita sancionada em termos escolares e sociais.

Estes desvios são, todavia, denominados de forma diferente conforme se trate de alunos ou de professores. Os primeiros são apelidados de indisciplinados, os segundos de incompetentes. A indisciplina pode implicar violência e em várias literaturas os autores apontam vários tipos de indisciplina. Perturbação pontual que afeta o funcionamento das aulas ou mesmo da escola.

Conflitos que afetam as relações formais e informais entre os alunos, que podem atingir alguma agressividade e violência, envolvendo por vezes atos de extorsão, violência física ou verbal, roubo, vandalismo, entre outros. Conflitos que afetam a relação professor-aluno, e que em geral colocam em causa a autoridade e o estatuto do professor. Vandalismo contra a instituição escolar, procurando, muitas vezes, atingir tudo aquilo que ela significa.

A hierarquia tem sido contestada, na medida em que conduz à naturalização das formas mais elementares de indisciplina, assumindo-as como inevitáveis. A idéia que acaba por passar é que só se coloca o problema da indisciplina quando existem agressões a colegas ou professores, a destruição ou roubo de escolas, entre outros.

O Estado, a educação e a cultura atuam como freio destes impulsos anti-sociais. Thomas Hobbes fundamenta a necessidade de um Estado forte, capaz de manter em ordem os homens-lobo. Charles Darwin explica a origem das espécies, a supremacia dos mais fortes, e A. F. Nietzsche reclama o poder para os super-homens que estão para além do bem e do mal. As circunstâncias determinam aquilo que cada homem é.

A contrapartida desta visão igualitarista foi a sustentada pela primeira vez pelos sofistas. As manifestações de indisciplina que os gestores observam são a apatia do grupo, conversa, troca de mensagens e de papélinhos, exibicionismo, perguntas feitas de forma a colocar em causa o professor, ou a desvalorizarem o conteúdo das aulas, entradas e saídas justificadas. Observam-se outras também, mas são mais expressivas como agressão a colegas, agressão a professores, roubos, provocações sexuais, racistas, entre outras. A maior preocupação dos gestores e da sociedade é que o crescimento da indisciplina acompanhada pela violência tem se agravado a cada dia.

As causas da indisciplina podem ser encontradas, pois, em cinco grandes níveis: sociedade, família, escola, professor e aluno. Quando são apontados estes níveis é mais para uma orientação da investigação, para não se perder de vista os diferentes fatores de interferência, no entanto, é preciso tomar cuidado com uma certa tendência de ver estes aspectos isoladamente um do outro, na realidade estão entrelaçados. A questão que deve ser colocada é sobre o grau de importância ou de determinação de cada um desses níveis. (AQUINO,1998, p.84).

Rego (1996), nesse sentido, enfatiza que uma das causas da ocorrência da indisciplina na escola está na associação de comportamentos indisciplinados e em traços de

personalidade desde a infância. Vygotsky estuda a indisciplina numa visão abrangente, integrada e dialética dos diferentes fatores que atuam na formação do comportamento e desenvolvimento individual. Diferente de Vygotsky, Piaget (1977), em relação ao processo indisciplinar, coloca a consciência de se obedecer a regras que ele vincula ao desenvolvimento do juízo moral, num sentido mais amplo a autonomia que, para ser melhor entendida deve-se recorrer à obra de Kant na qual Piaget se baseou para usar esses termos.

Essas abordagens comportamentalistas destacam a importância da influência de fatores externos do ambiente e da experiência sobre o comportamento da criança, do qual era colocado como fundador John B. Watson. Este dizia que o comportamento é sempre uma resposta do organismo a algum estímulo, influenciado tanto por fatores externos como internos; porém destacam na sua formação experiências que adquiriu ou que se teve contato durante a vida (FONTANA, 1997, p.47).

Segundo Vasconcellos (1994) o problema da indisciplina não se faz somente nas escolas, também é caracterizado no interior das famílias, onde se encontra presente em diferentes fatores. Estes dificultam no momento em que se tenta encontrar as causas da indisciplina. Assim, pode se colocar que a indisciplina conseqüentemente vem a ser o avesso da disciplina, ou seja, se disciplina é um conjunto de regras impostas por uma instituição organizada, a indisciplina seria o desrespeito dessas regras. Por mais que essa seja uma resposta certa para a questão indisciplinar, é novamente colocada em dúvida quando se diz que se deve observar o princípio subjacente à regra que está sendo desrespeitada. Se essa regra for imoral com princípio de injustiça, o sujeito que a desrespeita não realiza um ato de indisciplina, mas apenas efetua sua autonomia. Dessa forma nota-se mais uma vez a ambigüidade do termo indisciplina.

Em relação à família, a dificuldade dos pais na imposição de limites aos filhos pode favorecer a ação de indisciplina. A função de educar é principalmente dos pais, pois são esses os primeiros fornecedores de limites, regras e respeito para as crianças. Esses limites estabelecem a forma de agir, o que vem a ser correto e o que não é correto. Então a importância da família frente à indisciplina é essencial na formação de novos indivíduos, sendo que essa atribuição não é somente da escola. Em relação aos educadores, segundo Rego (1996, p. 87) “no cotidiano escolar, os educadores, aturdidos e perplexos com o fenômeno da indisciplina, tentam buscar ainda que de modo impreciso e pouco aprofundado, explicações para a existência de tal manifestação.”

A criança começa a compreender a existência de regras sociais, das quais acatam as normas dependendo da fonte que comunica as regras, o que muda através de um processo

mais amplo de socialização que coloca a criança cada vez mais em contato com um mundo complexo. Porém, mesmo que uma criança apresente estrutura familiar precária e comprometida, se a escola fornecer uma educação que atue na formação crítica e cidadã, esta será capaz de superar suas atividades, exercendo sua função de educar. A escola não pode fugir de sua tarefa educativa no que se refere à disciplina.

Condutas indisciplinadas muitas vezes são desafiadoras, se posicionam em relação à tirania que possa vir a ser apresentada no cotidiano escolar. Segundo Rego (1996, p. 86) a indisciplina nessa ótica passa a ser vista como uma atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados, de intransigência, de não cumprimento de regras capazes de pautar a conduta de um indivíduo ou de um grupo. Cabe aos educadores resgatar valores do passado, porém estar aberto aos novos valores em função das necessidades colocadas pelas contradições sociais, políticas, econômicas, culturais, num processo de continuidade-ruptura, numa visão dialética.

O aluno indisciplinado deve ser analisado sob certos distúrbios psico-pedagógicos que podem vir a ser de natureza cognitiva (aprendizagem) ou comportamental. A indisciplina pode indicar também uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno.

Muitas vezes a culpa volta-se ao professor, pois o aluno em seus dizeres estabelece seus atos, justificando que não gosta da maneira, atos e até mesmo dos educadores, sendo que indisciplina geralmente é entendida como indivíduos portadores de defeitos ou qualidades morais e psíquicas, que são independentes da escola. (PATTO,1993,Apud REGO,1996,p.65).

A falta de motivação do aluno em relação a determinada disciplina pode indicar dificuldades de aprendizagem devido a algum distúrbio, carência, falta de pré-requisito, o que demonstra a importância de um olhar atento por parte dos educadores individualmente a cada educando. Se se quiser uma sociedade mais justa, solidária e humana, e é este o objetivo, resta investir na formação de alunos críticos, capazes de nortear sua vida, sua história, decidirem, discernirem, participarem e transformarem o meio em que vivem. Este processo requer não apenas investimentos financeiros, ainda que importantes, mas também dedicação, esforço e profissionalismo da parte da instituição de ensino, e responsabilidade da parte dos alunos.

A responsabilidade do professor é definida pela falta de autoridade, do seu poder de controle e aplicações de sanções; porém isso não caracteriza o professor como único responsável. Vasconcellos (1994, p. 25) caracteriza que a indisciplina parece ser mais

frequentemente gerada em duas situações como último recurso contra a autoridade autoritária ou autoritarismo do professor ou como expressão de sua falta de autoridade.

A indisciplina ou a não-disciplina, presente nas escolas hoje, como um posicionamento contrário ao processo educativo, onde o aluno não tem nenhuma vontade de estar na escola, não tem respeito pela escola e nem postura para frequentá-la.(VOLKER, *Apud* PERIN e CORDEIRO, 2002p.28).

Talvez um dos motivos em relação ao alto índice de indisciplina atual vem a ser que o aluno encontra-se mais desafiador, menos respeitador, o que demonstra uma permissividade que a escola atual vem adquirindo em relação a meios disciplinares comparados com o rigor da educação antiga. Porém há um consenso de que sem disciplina não se pode fazer nenhum trabalho pedagógico significativo, ou seja, é necessário regras e respeito para com a escola, educadores e também educando, para que o processo ensino-aprendizagem aconteça. O comportamento é fundamental para o bom desenvolvimento das aulas. Portanto, não pode ser desconsiderado pelos educadores, principalmente quando passa a ser um comportamento indisciplinado. Até porque, muitas vezes, a indisciplina pode ser um indício de alguma carência do aluno como, por exemplo, a falta de compreensão do conteúdo, que ocasiona a falta de interesse por estudar e continuar prestando atenção à aula. Sendo assim, o assunto indisciplina é muito relevante, pois interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, a indisciplina na sala de aula acontece por vários fatores, tais como: falta de limites por parte dos pais, hiperatividade, desinteresse pelo estudo ou por algumas disciplinas em particular. Mas também não se pode ignorar que em muitos casos a indisciplina é causada pela falta de planejamento e de metodologias adequadas por parte de alguns educadores. O aluno percebe quando o professor não prepara as atividades. Cabe assim, também aos educadores, em conjunto com os pais, identificar corretamente os fatores e buscar alternativas que visem a solucionar esse problema que afeta diretamente o processo de aprendizagem. A disciplina é a representação dos preceitos cotidianos por parte dos educandos, sendo um fator de grande dificuldade na relação professor-aluno. Nota-se uma agravante situação nos últimos tempos, de tal forma que nem a escola nem a família conseguem driblar o fenômeno caracterizado por indisciplina.

Não é fácil fazer o inventário das causas da indisciplina nas escolas. O seu número não pára de aumentar, quase sempre suportada nos dias que correm numa sólida argumentação científica. As causas familiares da indisciplina estão à cabeça. É aí que os alunos adquirem os modelos de comportamento que exteriorizam nas aulas. Em tempos a

pobreza, violência doméstica e o alcoolismo foram apontados como as principais causas que minavam o ambiente familiar. Hoje se aponta o dedo também à desagregação dos casais, droga, ausência de valores, permissividade, pais que se demitem da educação dos filhos. O modelo de família está mudando gradativamente, muitos alunos vêm de ambiente em que os pais moram em outro país e eles ficam sob a responsabilidade de um avô ou uma avó, ou de um tio ou de uma tia, de um vizinho, de um irmão mais velho (que por muitas vezes são adolescentes também), ou mesmo órfãos que estão com alguém da família. Mas também tem aqueles que o pai ou a mãe estão presos, ou são viciados em drogas e álcool, estão desempregados, entre outras situações degradantes. Por estes motivos pode-se afirmar que quase sempre os alunos com maiores problemas de indisciplina provêm de famílias como essas.

Observa-se, também, que por estarem impotentes para lidarem com a violência dos próprios filhos, muitos pais apontam o dedo aos professores que acusam de não os saberem amansar. Frequentemente estimulam e legitimam a sua indisciplina nas escolas. Alguns vão mais longe e agridem gestores, professores e funcionários.

Muitas vezes as razões de fundo não são do foro da educação e em muitos casos tratam-se de questões que deveriam ser tratadas no âmbito da saúde mental infantil e adolescente, da proteção social ou até do foro jurídico. O grande problema é que as escolas não conseguem e nem possuem habilidade para fazer esta triagem. Tentam resolver problemas para os quais não estão preparadas ou nem sequer são da sua competência.

Todos os alunos são potencialmente indisciplinados, porque a escola é sempre sentida como uma imposição por parte do Estado ou da família. É por isso que as aulas são locais de constrangimentos e de repressão de desejos. Freud e depois Foucault dissecaram este problema. Nesta perspectiva o que acaba por diferenciar os alunos entre si é a atitude que assumem perante estas obrigações. Numa classificação de inspiração weberiana são distinguidos três tipos de alunos. Os obrigados-satisfeitos, os obrigados-resignados, os obrigados-revoltados. Os obrigados-satisfeitos são uma minoria que se conforma às exigências que a escola lhes impõe. Os obrigados-resignados, a maioria que se adapta ao sistema procurando tirar partido da situação, atingindo dois objetivos supremos: gozar a vida e passar de ano. Os obrigados-revoltados, uma minoria inconformada (ou maioria conforme as circunstâncias socioeconômicas do meio). Da família à escola e desta à sociedade colocam tudo em causa: valores, normas estabelecidas, autoridade, entre outras. Explicar as razões que levam uns a se assumirem como conformistas e outros como revoltados não é tarefa fácil. A falta de afeto ou a vontade de poder são, por exemplo, duas destas motivações. Há quem

aponte também as tendências próprias de cada idade que transforma uns em revoltados e outros em conformistas.

O grupo, enquanto conjunto estruturado de pessoas, tem uma enorme importância nos processos de socialização e de aprendizagem dos adolescentes. A sua influência acaba por ser decisiva para explicar certos comportamentos que os jovens demonstram e que são resultado de processos de imitação de outros membros do grupo. Certas manifestações de indisciplina não passam, muitas vezes, de meras manifestações públicas de identificação com modelos de comportamento característicos de certos grupos. Através delas os jovens procuram obter a segurança e a força que lhes é dada pelos respectivos grupos, adquirindo certo prestígio no seio da comunidade escolar. Nada que qualquer professor não conheça. A turma é também um grupo sem que, todavia, faça desaparecer todos os outros aos quais os alunos se encontram ligados dentro e fora da escola. Numa sociedade em que os grupos familiares estão desagregados, o seu espaço é cada vez mais preenchido por estes grupos formados a partir de interesses e motivações muito diversas.

A organização Escola funciona, em geral, de modo pouco eficaz e eficiente. A excessiva dependência do Ministério da Educação tende a reduzir os que nela trabalham a meros executantes, sem capacidade de resposta para a multiplicidade de problemas que enfrentam. No passado a contribuição dada pelas escolas para a indisciplina assentava na questão da seleção que operavam. As escolas eram acusadas de discriminarem os alunos à entrada e na constituição das turmas. A fazê-lo, criavam focos de revolta por parte daqueles que legitimamente se sentiam marginalizados. A questão ainda é colocada, mas não com a acuidade que antes conheceu. Os contributos da escola para a indisciplina são agora outros.

Carlos Fontes(disponível em: <http://educar.no.spo.pt/indisciplina.htm>) faz um estudo sobre o tema indisciplina. Suas idéias se encontram a seguir:

- Há muito que a escola deixou de ser um papel integrador dos alunos. Embora seja um espaço onde estes passam grande parte do seu tempo, nem sempre nela chegam a perceber quais são os seus valores, regras de funcionamento, na verdade a escolas estão mal preparadas para enfrentarem a complexidade dos problemas atuais, nomeadamente os que se prendem com a gestão das suas tensões internas. A crescente participação de alunos, pais, entidades públicas e privadas nas decisões tomadas nas escolas tornou-se uma fonte de conflitos, que não raro acabam por gerar climas propícios à irrupção de fenômenos de indisciplina. As Associações de Pais, quando funcionam, encaram muitas vezes os professores como uns bandos incompetentes que aproveitam todas as ocasiões para se furtarem às aulas.

Repetem-se por todo o país os casos de membros destas associações que, tirando partido da sua posição, exercem pressão junto dos professores para beneficiarem os seus filhos.

- A motivação é um dos fatores fundamentais da aprendizagem. Para que a motivação exista nas escolas é necessário que os programas sejam próximos da realidade vivenciada pelos alunos e com temas agradáveis. No horizonte, qualquer programa escolar deverá possibilitar um emprego seguro e bem remunerado. Tudo que não passe por isto é inútil e só pode conduzir a situações de frustração, desmotivação, potenciando situações de crescente indisciplina. Está-se perante um discurso caricatural, mas que se encontra hoje amplamente difundido.

- As escolas públicas são hoje frequentadas por populações escolares muito heterogêneas, contando no seu seio com um crescente número de alunos que provém de grupos sociais onde existem frequentemente graves problemas de integração social (ciganos, negros e etc.). Apesar da especificidade dos problemas destes alunos, a escola recusa-se, por uma questão ideológica, a tratá-los de um modo diferenciado. A democraticidade do tratamento não elimina os problemas de socialização. Resultado: os problemas são transportados para dentro da sala de aula.

- Um regulamento disciplinar é tudo e não é nada. Os professores imaginam-se com ele a salvo de muitos problemas disciplinares, e por isso procuram torná-lo o mais completo possível. O aumento da sua extensão cresce na mesma proporção direta da sua inaplicabilidade. A questão é, todavia, meramente ilusória. Os professores partem do pressuposto de que ele será acatado pelos alunos, dado que foi aprovado pelos representantes, e que desta maneira se conformarão ao que nele estiver prescrito. Para os alunos, contudo, o regulamento não existe. O que impera na escola é a vontade dos professores e do Conselho Executivo. O regulamento será sempre mais um instrumento do seu poder discricionário.

- Há professores que provocam mais indisciplina que outros. As razões porque isto acontece são muito variáveis, mas quatro delas são frequentemente citadas:

1. a falta de capacidade para motivarem os alunos, nomeadamente utilizando métodos e técnicas adequadas;
2. o despreparo para lidarem com situações de conflito;
3. a forma agressiva como tratam os alunos estimulando reações violentas; e
4. a estigmatização e a rotulagem dos alunos.

A estas razões junta-se agora outra mais recente: a crescente feminização do corpo docente. Se ela não estimula, certamente não facilita a questão da indisciplina, afirmam os especialistas. Os rapazes seriam os mais afetados.

Para se conhecer as causas que geram a indisciplina e o papel do gestor escolar no trato desse assunto foi realizada uma pesquisa de campo em uma escola da cidade de Anápolis-Go.

A pesquisa evidenciou que existe, tanto por parte do aluno como do professor, uma visão conservadora, mesmo quando suas atitudes demonstram o contrário. É possível que o aluno, sem elementos e maturidade para questionar a escola, encontre na indisciplina uma forma de manifestar sua discordância ao que lhe é imposto. A contribuição almejada está no pensar em algumas questões com base nos dados coletados, observações realizadas e na literatura disponível, visando a contribuir para o surgimento de novas formas de se lidar com a indisciplina na escola.

Além destes fatores exógenos, há os endógenos. O modelo de escola atual foi desenvolvido a partir da revolução industrial. As grandes escolas, com alunos provenientes de diferentes zonas, com problemas muito diversos e turmas com elevado número de discentes desenvolvem condições de conflito. Precisa-se de escolas de proximidade, menores e com outra arrumação do seu espaço. Depois, o professor tem sido desautorizado, não só pelo Ministério da Educação mas, também, pela forma, muitas vezes abusiva com que as associações de pais interferem no trabalho dos professores.

É preciso repensar a forma de organizar a escola, a função do professor e o papel dos pais. A escola tem um papel social de formar cidadãos responsáveis e profissionais competentes e é urgente que lhe sejam dadas condições para poder desempenhar esse papel.

Entre as causas que colaboram para o desinteresse do aluno em assistir as aulas estão: a falta de motivação dos pais; a ausência de um planejamento diário das aulas e a acomodação dos alunos quanto à condição financeira da qual fazem parte.

Para diminuir o problema da indisciplina escolar a equipe gestora precisa dar incentivos para os professores trabalharem melhor, como exemplo, materiais para usarem de forma criativa com conteúdos interessantes, e ter um projeto que aproxime os pais ou responsáveis da escola conscientizando-os da importância dos estudos para os seus filhos e as oportunidades que eles terão durante a vida.

Para Piaget existe um desenvolvimento da moral que ocorre por etapas, de acordo com os estágios do desenvolvimento humano. Para ele "toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras"(BOCK,2002). Isso porque Piaget entende que nos jogos coletivos as relações interindividuais são regidas por normas que, apesar de herdadas culturalmente, podem ser modificadas consensualmente entre os jogadores, sendo que o dever de respeitá-las implica a

moral por envolver questões de justiça e honestidade. E respeito é uma palavra que precisa ser mais usada na escola; estas crianças que vêm de um lar totalmente desestruturado, onde o grito e a violência física são normais, fazem preocupar sobre tipo de cidadãos e de sociedade que se terá amanhã.

Para reverter este quadro os pais e responsáveis precisam fazer parcerias com a escola, e porque não dizer, também com as classes representativas como as associações de bairro, o conselho tutelar e a direção da escola.

A teoria de Vygotsky, adaptada a essa realidade ensina que no plano intersubjetivo, isto é, na troca entre as pessoas, é que tem origem as funções mentais superiores que permitem compreender a complexidade do processo pedagógico e, nesse sentido, podem contribuir para a proposição de novos procedimentos pedagógicos que façam frente a alguns problemas vividos na sala de aula.

CONCLUSÃO

O problema da indisciplina, à luz das teorias de Piaget e Vigotsky, aponta elementos que devem ser superados para uma prática comprometida com a formação de cada aluno como um ser humano inteligente e solidário – o indivíduo para si.

As idéias trazidas por Vygotsky à psicologia e à educação revolucionam o pensamento docente e a ação a partir dele estruturada. A concepção de homem como produto, ao mesmo tempo em que produtor das condições materiais de vida e educação exige uma reconsideração do papel da educação no processo de desenvolvimento humano, do papel do educador nesse processo, da relação entre aprendizagem e desenvolvimento, da concepção de processo de aprendizagem e da própria concepção de criança/aluno, o que envolve, no conjunto, uma reconsideração dos procedimentos e conteúdos pedagógicos e da própria valoração dos processos vividos na escola. Conforme a teoria histórico-cultural, aptidões, capacidades, habilidades e funções tais como as percepções, a memória, a atenção, a linguagem oral e escrita, o desenho, o cálculo, o pensamento, a conduta que constituem a inteligência e a personalidade humanas se configuram no processo de educação em que o homem aprende socialmente a ser o que é. Deste ponto de vista, supera-se a idéia de que a educação tenha um papel secundário no desenvolvimento de características humanas que de uma forma ou de outra se desenvolveriam, uma vez dadas biologicamente. Deste novo ponto de vista, reserva-se para a educação o papel essencial de garantir a formação de processos psíquicos que na ausência de situações de educação não aconteceria.

Além da escola tem-se que estudar e entender os familiares que sofrem pressões financeiras, confrontam-se com problemas de alcoolismo e droga, desemprego, trabalho precário, falta de habitação, ou ainda, extremos e comportamentos desviantes, vidas paralelas. Casais desagregados, cujas principais vítimas são os filhos e outros familiares (pais, avós, tios etc.).

É necessário que haja um novo planejamento, os gestores precisam estudar formas para trazer os pais para a escola, pois observa-se que nas reuniões de pais, geralmente os que aparecem são os daquelas crianças que não têm problemas na escola. E na maioria das vezes em que os pais ou responsáveis são convidados a vir conversar com a gestora, é um problema.

Através das teorias e das experiências com parceria escola-família, as receitas mais recomendadas são medidas para combater a indisciplina onde muitos adotam e usam como instrumento educativo o castigo, o compromisso, a negociação e a criatividade. Mas não deixando de respeitar os limites. Tanto Vigotsky como Piaget concordam que a mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida. Assim, não é a consciência do homem que determina as formas de vida, mas é a vida que deve determinar a consciência. Por isso, as ações estratégicas que o gestor pode adotar para diminuir a indisciplina estão em fazer um trabalho sério, regado de palestras com parcerias com o poder público, onde o foco é conscientizar alunos, pais e responsáveis sobre a importância do respeito com eles e com os outros, e as oportunidades que terão em suas vidas profissionais além, é lógico, de estreitas amizades da escola com a família e a comunidade.

ABSTRACT

Defiance presents different expressions, today it is different from that observed in previous decades, this reflects the school, which is having to deal with the student who is not content with more authoritarian relationships, that is due to socialization and relationships that students engage in school and its surroundings, family, with professional education. People surrounding the pupil, more specifically the family, much influence on their behavior because the child was born within that, so parents the first educators. The influences of those who live daily with the students is reflected in many of the acts committed by them. The action of the family begins from the cradle, long before the action of school. The family and school play an important role in educational task is therefore a need for close cooperation, which should mean the mutual aid of both in the implementation of the educational ideal. The fact that the students receive education from the cradle should consequently lead them to choose freely the discipline, but now live in a society where the family unit is worn out, but the home can offer comfort, since the parents, thanks to travel for employment and the long days of work to ensure the livelihood, cease to be present during the most difficult times. This change in the ways of life leads children to become more independent, less willing to obey the authority of

adults. The socialization process of students with groups around the school, the class within the school can also influence the misbehavior of them due to processes of imitation of people, young people who serve as models. This happens with the stance of education professionals (teachers, school lunch cooks, assistants, general services, management team, etc.). Which is a benchmark, a model, a guide for students.

Key words: Indiscipline, Socioeconomic Problems, School Dropout.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio G. A indisciplina e a escola atual. *Revista da Faculdade Educacional*. vol.24 n.2 São Paulo Jul/Dez. 1998.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia/* 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- FONTANA, Roseli. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Atual, 1997.
- FONTES, Carlos. Disponível em: <http://educar.no.sapo.pt/indisciplina.htm>. Acessado em: janeiro de 2009.
- REGO, Teresa C. R. “A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana”. In.: AQUINO, Julio Groppa (Org.) *Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- PATTO, M. H. S. *A produção do Fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- PERIN, E.S.; CORDEIRO, M.V.C.C. *Indisciplina na Escola do Século XXI*, Monc apresentada para obtenção do título de especialista em psicopedagogia. Ponta Grossa 2002.

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, Júlio G. (org). *Autoridade e autonomia na escola*. São Paulo: Summus, 1999.
- Disponível: http://virtual.facinter.br/monos/indisciplina_escola_seculo_xxi.pdf, Acesso em Janeiro/2009.
- Disponível: http://jornalestadodegoias.com.br/noticias_detalhe.php?id_noticia=137&&id_editoria=4 – acesso em Janeiro/2009.
- Disponível em: ftp://ftp.fnde.gov.br/web/siope_web/lei_n9394_20121996.pdf - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Acesso fevereiro/2009.
- FOUCAULT, M. *A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. (Col. História da Sexualidade, 1)
- MOSCOVICI, Fela. *Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo*. 13ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- PCN. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais: ética*. Secretária de Educação Fundamental. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- PIAGET, J. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad, 1994.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

